



## Homofobia e docência: As dificuldades que docentes homossexuais encontram na prática profissional

*Homophobia and teaching: The difficulties homosexual teachers meet in professional practice*

Kevin Kriger Gomes de Lima<sup>1</sup>   Adelaine Ellis Carbonar dos Santos<sup>\*2</sup>  

<sup>1</sup>Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil.

<sup>2</sup>Departamento de Geociências, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG, Brasil

E-mail: krigerkg@gmail.com

\*E-mail para correspondência: addiecarbonar@gmail.com

Recebido (Received): 28/11/2021

Aceito (Accepted): 02/10/2023

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo compreender como a homofobia impacta na vivência profissional de docentes homossexuais, do município de Ponta Grossa, Paraná. Para tanto, foram realizadas 5 (cinco) entrevistas orientadas por um roteiro semiestruturado voltado a docentes gays da referida cidade, com vistas a identificar como a homofobia é (re)produzida através do espaço escolar e quais fatores a tornam um fenômeno institucional, visto que impacta a vivência profissional e particular destes profissionais. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas, analisada e sistematizadas num banco de dados a partir do software livre e de código aberto LibreOffice, valendo-se da análise de conteúdo do discurso. A partir dos resultados, evidencia-se que os docentes sofreram atitudes homofóbicas em todos os níveis escolares, mesmo quando estes eram apenas discentes. Além disso, foi possível identificar que todas as esferas que compõem o espaço escolar propagam discriminações e preconceitos contribuindo para um continuum do fenômeno homofóbico. Desta forma, os professores são coagidos a não expressar sua sexualidade; sofrem censura por parte da coordenação e direção a respeito de discussões sobre esta temática; estão expostos a contínuos enfrentamento com discentes e demais equipe pedagógica; há uma maior cobrança em relação a sua prática profissional, além da dificuldade em se relacionar com demais colegas de profissão.

**Palavras-chave:** Escola; Homossexualidade; Vivência profissional.

**Abstract:** *This article aims to understand how homophobia impacts the professional experience of homosexual teachers in Ponta Grossa, Paraná. To this end, 5 (five) interviews guided by a semi-structured script aimed at gay teachers from that city, with a view to identifying how homophobia is (re) produced in the school space and which factors make it an institutional phenomenon, as it impacts the professional and private life of these professionals. Subsequently, the interviews were transcribed, analyzed and systematized in a database from the free and open-source software LibreOffice, using content analysis of discourse. From the results, it is evident that teachers suffered homophobia in all school levels, even when they were just students. And, it was possible to identify that all spheres that make up the school space propagate discrimination and prejudice contributing to a continuum of the homophobic phenomenon. Thus, teachers are coerced not to express their sexuality; are censored by the coordination and direction regarding discussions on this subject; are exposed to continuous confrontation with students and other pedagogical staff; there is a greater charge in relation to their practice, as well as the difficulty in relating with other professional colleagues.*

**Keywords:** School; Homosexuality; Professional experience.

### 1. Introdução

A efetivação e naturalização da heterossexualidade como a única forma possível e legítima de manifestação identitária e sexual em nossa sociedade é determinada pelo termo heteronormatividade (ESPERANÇA *et al.*, 2015). Neste sentido, todos aqueles que não se enquadram nos padrões heteronormativos (adulto masculino, branco, (cis)heterossexual, burguês, física e mentalmente 'normal'),

tendem a ter sua figura reduzida e julgada, sendo considerado estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso (JUNQUEIRA, 2009).

Para Menezes e Silva (2017), a hostilidade contra a população LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e demais identidades dissidentes) – sujeitos que desviam das normas cisheterossexuais – possui múltiplas formas de manifestação, necessitando de dispositivos para o combate a tais atos de discriminação e preconceito. Neste sentido, reconhecer as formas que são manifestados esse preconceito ajuda na tomada de decisões com vistas ao combate à tais atos, sendo que estes geralmente são advindos da falta de informação como salientado por Prado e Bressan (2016).

Seguindo a lógica cisheteronormativa, somente são aceitos homens masculinos que se atraem por mulheres femininas, e mulheres femininas que se atraem por homens masculinos, ocorrendo uma convergência lógica entre um corpo sexuado (macho-homem ou fêmea-mulher), sua identidade de gênero (masculina ou feminina) e seu objeto de desejo (dirigido ao sexo oposto) (FURLANI, 2009). Todas as outras formas de expressões da sexualidade são tidas como anormais ou antinaturais (COELHO, 2014), visto que em nossa sociedade é ‘comum’, ‘compreensível’, ‘corriqueiro’, desprezar o sujeito homossexual (LOURO, 2004), sendo que a constante reiteração da heterossexualidade e a conseqüente exclusão e marginalização da população LGBT+, estão fortemente ligadas às significações relacionadas ao gênero (LOURO, 2009).

Dentre todas as formas de discriminação e preconceito existentes no contexto escolar, a que será tratada neste artigo, diz respeito à homofobia, a qual impacta diretamente muitos discentes e/ou docentes em âmbito educacional. Reiteramos que a fobia é o conceito utilizado para se fazer referência a um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, ódio ou medo) para com algo ou alguém. Sendo assim, a hostilidade para com os homossexuais caracteriza a homofobia, constituindo-se como a ação de desumanizar o outro e torná-lo inexoravelmente diferente (BORRILLO, 2010).

Junqueira (2009), em diálogo com Louro (1999), afirma que a produção de corpos a partir da heterossexualidade compulsória, é acompanhada pela rejeição das homossexualidades, mediante aparatos homofóbicos. Como destaca Ribeiro *et al.* (2009), quando se é expressa de forma mais evidente uma sexualidade e sua diferença, ocorre assédio e repressão, pois este comportamento ou atitude é considerado em desconformidade com o esperado imposto pela heteronormatividade.

Não obstante, a escola se constitui enquanto uma das instâncias sociais LGBTfóbicas e heteronormativas (SANTOS e ORNAT, 2017). Assim, ela “configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT+” (JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

Corroborando com Santos e Ornat (2017), podemos observar que a escola acaba produzindo e reproduzindo valores estabelecidos a partir de um ciclo homofóbico e vicioso, não sendo possível a identificação do início ou o seu fim. Logo, essa discriminação atinge não somente a vivência escolar de alunos LGBT+, mas também pode acometer a vivência de funcionários, professores e outros integrantes da comunidade escolar.

É importante ressaltar que a homofobia enfrentada por homossexuais nas escolas, não parte somente de professores, visto que os estereótipos podem surgir entre os próprios discentes, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas se torna uma forma de se apropriar da identidade sexual (BRASIL, 1998). Em outras palavras, a homofobia está presente nas relações humanas e podem acarretar prejuízos, como quando docentes são demitidos em decorrência da sua orientação sexual ou até mesmo são hostilizados em sua vivência profissional, denunciando uma homofobia não somente individual, mas também institucional, como destaca Borrillo (2010).

Se considera a homofobia institucional como a crença de que práticas nas esferas governamental, empresarial, religiosa, profissional devem estar isentas de um viés de orientação sexual (VILLEGAS-SIMÓN *et al.*, 2018), devendo o Estado assegurar o respeito pela vida do outro (esfera íntima), considerando a homossexualidade uma escolha de vida privada, onde é impossível existir o reconhecimento dos direitos iguais, confinando os homossexuais na vida privada (BORRILLO, 2010). Desta forma, o sistema social tende e não reconhecer estes como participantes da mesma, não vendo as necessidades da comunidade LGBT+ como uma realidade.

Deve-se levar em consideração que a temática é vista enquanto um tabu, tornando-a invisível para aqueles alheios à comunidade LGBT+ como destaca Coelho (2014). Um dos fatores que levam à esta perspectiva diz respeito as poucas pesquisas desenvolvidas na Educação e Ensino de Ciências no Brasil. Assim, em um levantamento realizado pelos autores no Catálogo de teses e dissertações no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com as palavras-chave ‘homossexualidade’,

homossexuais' e 'homofobia', evidenciamos que num total de 1.146.630 teses e dissertações publicadas e defendidas até 22 de maio de 2019, 86.413 (7,54%) são voltadas à Educação e Ensino. Destas, 253 (0,29%) se enquadraram nas palavras-chave, onde somente 4 tem como foco os docentes homossexuais. 51 (<1%) das dissertações e teses abordam sobre a visão de alunos e formação de professores em relação à concepção da homofobia no espaço escolar. Isto destaca que há um silenciamento em relação às vivências de docentes homossexuais, visto que se é pesquisado homofobia na escola, podendo não reconhecer a existência de docentes que divergem da sexualidade esperada (heterossexual), e que os mesmos tendem a ser reprimidos e silenciados.

Os conhecimentos sobre a sexualidade humana apresentam-se como frutos da sua construção sócio-histórica, sendo que os saberes construídos sobre a homossexualidade na contemporaneidade nascem inspirados pela ciência dita moderna (MENEZES e SILVA, 2017), ou seja, pesquisas realizadas sobre estas questões ainda são poucas, principalmente as que correlacionam à homossexualidade e à docência. Salientamos ainda que pesquisas como esta estão começando a ser desenvolvidas e, assim, proporcionando para que estas minorias que foram historicamente silenciadas e deixadas à mercê da sociedade ganhem visibilidade.

Evidenciamos, então, a importância de discussões sobre tais profissionais, obtendo dados significativos, bem como auxiliando na tomada de iniciativas que visam a inclusão destas pessoas e a diminuição da discriminação e preconceito no espaço escolar, assim como a melhoria do bem-estar e permanência nesta carreira, desvendando quais os obstáculos encontrados durante a prática docente. Assim, este artigo tem por objetivo compreender como a homofobia impacta na vivência profissional de docentes homossexuais da educação básica no município de Ponta Grossa, Paraná.

## 2. Homofobia e a vivência profissional de docentes homossexuais

Para compreender como a homofobia impacta na vivência profissional de docentes homossexuais da educação básica no município de Ponta Grossa, Paraná, foram realizadas 5 (cinco) entrevistas com roteiro semiestruturado com docentes homossexuais que atuam ou atuaram na educação básica da referida cidade.

O roteiro possui inicialmente uma caracterização do perfil do entrevistado, se coletando dados como estado civil, número de escolas que atua, formação profissional, tempo de serviço, carga horária semanal, o tipo de contrato profissional e se pratica alguma religião (**Tabela 1**). Cada docente recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram transcritas e analisadas através da metodologia da análise de conteúdo do discurso proposto por Bardin (1977) e, os resultados inseridos, analisados e sistematizados em um banco de dados através do *software* livre *LibreOffice*, onde foram organizados segundo aquilo que chamamos de Categorias Espaciais; estas, constituídas por Categorias Discursivas, as quais possuem um elemento principal, caracterizando uma evocação discursiva, totalizando 155 evocações (trechos de fala). Esta pesquisa atende às normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, possuindo o seguinte número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), nº 98156418.5.0000.0105, emitido pela Plataforma Brasil.

Os resultados obtidos com a realização das entrevistas com os docentes homossexuais que lecionam / lecionaram no município de Ponta Grossa, Paraná, evidenciam que três (3) docentes são naturais de Ponta Grossa-PR, um (1) de Piraí do Sul-PR e um (1) de Palotina-PR. Em relação a prática religiosa, três (3) docentes se autodeclararam católicos, um (1) cristão e um (1) ateu. No quesito estado civil todos os entrevistados se declararam solteiros (5).

Quanto ao número de escolas que atuam, dois (2) docentes atuam em 1 escola; dois (2) lecionam em 2 escolas e; um (1) docente atua em 3 escolas. Em relação a formação inicial, dois (2) são graduados em licenciatura em Geografia, sendo que um se formou em 2007 e outro em 2014; outros dois (2) são licenciados em Letras, ambos concluíram a graduação em 2013 e; um (1) cursou Licenciatura em Ciências Biológicas, tendo concluído o curso em 2017. Além disso, 3 realizaram mestrado e 1 docente realizou duas pós-graduações (Educação Especial e Mídias na Educação).

Quanto ao tempo de serviço como docente, um (1) atua há 2 anos; um (1) leciona há 3 anos; um (1) atua há 4 anos; um (1) há 8 anos e; um (1) atua há 12 anos, onde um (1) perfaz carga horária semanal de 26 horas/aula; outros três (3) perfazem 40 horas/aula e; um (1) possui carga horária de 42 horas/aula.

**Tabela 1:** Perfil dos docentes homossexuais da educação básica no município de Ponta Grossa, Paraná.

Categoria	Resultados (n)	
	Nome	Quantidade
Naturalidade	Ponta Grossa, PR	3
	Piraí do Sul, PR	1
	Palotina, PR	1
Prática Religiosa	Catolicismo	3
	Cristianismo	1
	Ateísmo	1
Estado Civil	Solteiro	5
Nº escolas	1 escola	2
	2 escolas	2
	3 escolas	1
Graduação	Licenciatura em Geografia	2
	Licenciatura em Letras	2
	Licenciatura em Ciências Biológicas	1
Tempo de atuação docente	2 anos de atuação docente	1
	3 anos de atuação docente	1
	4 anos de atuação docente	1
	8 anos de atuação docente	1
	12 anos de atuação docente	1
Carga Horária Semanal	26 horas/aula	1
	40 horas/aula	3
	42 horas/aula	1

Fonte: Entrevistas realizadas com docentes homossexuais da educação básica.

Importante salientar que os nomes, seja de entrevistados ou de pessoas que fazem parte das falas dos docentes, foram alterados para manter a anonimato dos participantes da pesquisa. Com o perfil dos docentes traçado, podemos nos aprofundar nas análises dos discursos dos docentes homossexuais. Assim, a partir da análise de conteúdo (Bardin, 1977), foi possível estabelecer 6 (seis) Categorias Espaciais, a saber: Escola (71%), Corpo (10%), Universidade (8%), Casa (5%), Igreja (4%) e Não Evidenciado (2%); salienta-se que esta última não será problematizada na presente discussão por não apresentar uma categoria específica. Cada uma destas, está constituída por determinadas Categorias Discursivas. Ressaltamos que as discussões não levarão em conta a porcentagem decrescente de cada categoria, mas a melhor inteligibilidade do fenômeno.

### 2.1. A casa

Inicialmente será analisada a categoria espacial 'Casa', a qual constitui 5% do total das evocações, salientando que é nesta espacialidade que se constrói os valores e princípios a partir do nascimento. Esta categoria espacial é constituída pelas categorias discursivas 'Homofobia' (50%) e 'Relações Familiares' (50%). Desta forma, podemos evidenciar que a homofobia permeia as relações familiares e podem ser reproduzidas em diferentes espaços, incluindo a escola, como destaca o discurso docente abaixo:

porque passei por muita coisa na escola, na época, eu to com 35 anos, que bullying nem existia a palavra, era... e eu só não entendia o que acontecia na escola, e eu percebo hoje, há 30 anos depois, que as crianças têm as mesmas atitudes, que acredito que vem de dentro de casa, os pais fazer piadinha e aquela questão. (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Como destacado, as atitudes tomadas pelos pais e/ou responsáveis impactam diretamente no comportamento dos filhos(as), os tomando como exemplo e agindo de forma espelhada, visto que a família, segundo Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999), é considerada o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança. Desta forma, os pais, familiares ou responsáveis atuam diretamente na manutenção de preconceitos, os quais podem ser praticados na escola, afetando a vida escolar, seja de alunos, docentes ou funcionários.

Além disso, evidencia-se que mesmo após anos, a homofobia continua sendo reproduzida, demonstrando que as medidas de combate à discriminação podem não estar se efetivando ou enfrentando barreiras, visto a presença deste fenômeno tanto na escola quanto na casa. Assim, a homofobia impacta diretamente a vida de um homossexual, que pode sofrer afastamento de familiares ou até mesmo agressões físicas:

É... já tive uma questão com meu irmão, meu irmão era ou é, a gente não tem muito contato hoje em dia, mas ele era muito preconceituoso, [...] e aí ele tinha essa visão... acho que até ele perceber a minha... a minha... a minha orientação talvez, e aí ele passou a mudar um pouco o pensamento, mas não mudou 100% não, porque a gente teve um problema bem sério em 2015 e aí ele chegou a me agredir fisicamente, e o que mais me incomodou não foi a... a... não chegou a ser uma surra mas não foi as pancadas que ele me deu, foi a frase que ele me falou que é “faz muito tempo que você tá precisando levar uma surra para aprender a ser homem”. [...] o preconceito tá dentro dele, tanto que a gente se afastou de lá para cá, enfim, nem tenho mais contato com ele e foi embora para a Alemanha, já voltou de lá e nem fiquei sabendo, enfim, nós não temos contato e eu não quero ter... não por ser irmão, por ser um ser humano que pensa assim (...). (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Não podemos deixar de notar que a heteronormatividade, que naturaliza a heterossexualidade e abomina ou torna qualquer sexualidade desviante, algo que deve ser evitado, está muito presente no ambiente familiar. Como evidenciado no discurso, a figura do irmão reafirma a violência física como forma de correção de desvio de padrões heteronormativos. Ainda, a homofobia não está presente somente nas relações familiares, mas também, nas relações profissionais:

até então tinha os amigos do meu irmão... né, que eram os amigos do escritório do meu irmão, que trabalhava com meu irmão, daí eu tinha que escutar absurdos e ficar quieto porque eu tava trabalhando lá, eu tinha que sair com eles, eu tinha que beber... eu tinha que beber e fumar porque daí tinha que ser... me ocultar, tinha que ser o orgulho do irmão mais velho né, (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Como evidenciado acima, o discurso também relata a vivência constante com a discriminação por parte dos colegas de trabalho, tornando a vivência profissional algo muito pesaroso e de poucos frutos, já que a humilhação ou a violência moral são, muitas vezes, invisíveis constrangimentos e humilhações que acarretam perda de significado do trabalho e nas relações lá vivenciadas (SIQUEIRA *et al.* 2009).

meu irmão ficou um tempo sem falar comigo, mas eu sabia que isso ia acontecer... Então, ele é, ele e a esposa dele são bem religiosos, mas o resto da minha família não... é... aí... foi isso. (...) Inclusive minha cunhada, a esposa dele, foi a maior decepção da minha vida, que ela era uma das minhas melhores amigas, na época, quando estava no ensino médio, apesar dela ser mais velha, e depois quando contei, ela foi uma das primeiras pessoas a saber de mim, quando eu contei ela foi a única pessoa no mundo a tentar me mudar, a tenta me fazer me ‘converter’ (Entrevista realizada com o docente Peregrin, no dia 18 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

O discurso religioso se faz presente nas relações familiares, onde há o preconceito e discriminação para com os homossexuais, uma vez que a igreja cristã, ao condenar a homossexualidade, promoveu a heterossexualidade monogâmica como norma, e para isso, passou a pregar que as relações homossexuais eram um dos pecados mais graves (SEPULVEDA, 2016), visto que somente o irmão e a cunhada, que são mais religiosos se afastaram. Neste sentido, consideram a homossexualidade como uma escolha a partir da tentativa de ‘conversão’ por parte da cunhada, acreditando que existe uma cura para sua orientação sexual, possuindo este discurso relação direta com a categoria espacial ‘Igreja’ (4%), pois “esta suposta ‘conversão’ nada mais é do que uma repressão religiosa imposta sobre um corpo que não condiz com as normas heterossexuais” (SANTOS e ORNAT, 2017, p. 127), conseqüentemente, contra as leis de Deus. Contudo, apesar da casa ser um espaço permeado por homofobia, ainda pode trazer conforto e acolhimento.

Além disso podemos identificar que a falta de informação sobre a homossexualidade está diretamente ligada com o preconceito, visto que esta reforça atitudes de preconceito e de discriminação (PRADO e BRESSAN, 2016). Assim, boa parte dos medos que a figura da mãe possuía eram infundados, não refletindo a realidade da vivência de todas as pessoas homossexuais.

## 2.2. A igreja

Visto que a religião tem relação direta com a ‘Casa’, se faz necessário compreender como esta influência nas relações interpessoais. A categoria espacial ‘Igreja’ constitui 4% do total de evocações, sendo que podemos organizá-la em duas categorias discursivas, ‘Homofobia’ (33%) e ‘Homossexualidade’ (67%).

Como expressado por Borrillo (2010), a hostilidade para com os homossexuais nasce da tradição judaico-cristã, os considerando à margem da salvação e, desta forma, pecadores e perversos, naturalizando e legitimando a homofobia. Juntamente com o discurso biológico da reprodução, a igreja considera a homossexualidade uma escolha e por consequente passível de conversão.

Muitas religiões tendem a menosprezar as homossexualidades, e por vezes, os praticantes que ainda não se aceitaram quanto à sua condição sexual, acabam se culpando por esta. Além disso, às vezes, a religião tende a dificultar a própria aceitação como homossexual, que está diretamente ligada com a categoria espacial ‘Corpo’ (10%), onde estes alimentam sentimentos negativos sobre a própria sexualidade, tentando reprimir seus desejos na vã tentativa de se enquadrar nos padrões heteronormativos impostos (SANTOS e ORNAT, 2017).

Eu já me culpei muito... não me culpei, porque a palavra é muito pesada, mas assim, será que o que falam tanto assim, será existe o tal do céu e inferno e eu vou pro inferno porque sou gay?... [...] (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Santos e Ornat (2017), em conversa com Louro (2013), afirma que a sexualidade não é algo que se possa se despojar, da mesma forma que as concepções religiosas não se podem ser deixadas de lado, já que tais concepções fazem parte da construção do ser humano, acompanhando-o nas diversas espacialidades, tornando a vivência de pessoas desviante dos padrões heteronormativos mais complicada, tendo em consideração o constante medo de expressar a sua sexualidade.

teve uma época que acho que eu tava com uns 16 anos, que o mórmons bateram lá em casa e começaram a conversar e tal, daí eu achava bacana o jeito que eles tratavam, né a... a... educação e tudo, mas chegou num determinado momento ali, que eu fiquei sabendo que eles excomungavam ou não poderia fazer parte de algumas partes do ritual, da cerimônia dentro dos mórmons, se... soubessem que você era homossexual, né porque aquela coisa, pra casar ter uma família reproduzir e tudo mais. (Entrevista realizada com o docente Meriadoc, no dia 12 de julho de 2019, em Ponta Grossa, Paraná).

A evocação acima evidencia um dos pontos da legitimação da homofobia por parte da igreja, visto que o discurso biológico da reprodução é muito presente nos argumentos utilizados nos discursos de autoridades contemporâneas (BORRILLO, 2010), discurso este que tende a atrasar medidas para a melhora da vida de homossexuais. Além disso podemos evidenciar que a homofobia está presente não somente em religiões cristãs, mas também em grupos considerados pagãos:

eu tava fazendo gnose, [...] pra seguir na segunda fase, num segundo momento, também você tinha... não podia ser homossexual porque pelo conceito deles ali você não ia conseguir atingir os próximos níveis, né... do processo e etc. e tal [...] (Entrevista realizada com o docente Meriadoc, no dia 12 de julho de 2019, em Ponta Grossa, Paraná).

Pode-se constatar que a homofobia não é exclusiva de uma vertente religiosa e sim de uma variedade destas, reafirmando, assim, a institucionalidade desta forma de preconceito, visto que ela é expressa nas mais variáveis espacialidades da sociedade. Portanto, a sexualidade mantém uma ligação entre a ‘Igreja’ e o ‘Corpo’, visto que uma impacta diretamente a outra, já que a homossexualidade carece de um processo de aceitação e reconhecimento que parte do próprio sujeito, na medida em que as vivências pessoais e as relações sociais auxiliam ou dificultam neste processo de se auto reconhecer e descobrir.

## 2.3. O corpo

A categoria discursiva ‘Corpo’, possui 10% do total das evocações e se configura como uma importante espacialidade pertencente ao sujeito, pois este carrega signos, significados que fazem parte da personalidade e história do indivíduo e que se relaciona com os demais espaços. Como salientado por Silva e Ornat (2016), o corpo é socialmente e geograficamente posicionado, não sendo possível compreendê-lo fora do contexto espaço-temporal.

Dessa forma, este também constitui uma categoria espacial a ser estudada, sendo constituída pelas categorias discursivas ‘Homossexualidade’ (81%) e ‘Homofobia’ (19%). Assim, como nas outras espacialidades, a homofobia também está presente, sendo que esta parte não somente de terceiros, mas do próprio sujeito como uma homofobia internalizada.

e daí também quando eu servi o exército né, fazia de tudo para que ninguém soubesse que eu fazia teatro né, que eu fazia teatro, e também tentava me policiar um monte nos meus trejeitos, mas com o tempo, que eu fiquei 5 anos, com o tempo eu percebi que o preconceito era mais da minha parte do que da parte deles [...]. (Entrevista realizada com o docente Meriadoc, no dia 12 de julho de 2019, em Ponta Grossa, Paraná).

eu guardei por muito tempo a minha sexualidade, até meus 22 anos, [...] como eu venho de um ambiente católico, um ambiente religioso... né, eu comecei a me culpabilizar, por causa daquilo, me achar um pecador, me achar como uma pessoa perversa, né... e depois que passou isso, eu comecei a negar minha sexualidade, e essa negação ela foi até meus 22 anos. (Entrevista realizada com o docente Bilbo, no dia 25 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Evidencia-se também a relação do ‘Corpo’ com a ‘Religião’. Assim, podemos verificar que esta última, tem a capacidade de influenciar múltiplos espaços, visto que o mesmo reforça o que já foi se explorado anteriormente, onde a pessoa acaba se culpando devido a sua sexualidade a concebendo como um pecado, algo que deve ser evitado, o tornando uma pessoa perversa. Porém, todos os entrevistados concordam que a homossexualidade é natural e que esta possui uma origem correlata entre uma construção social e biológica, em que o indivíduo nasce com esta condição não sendo uma opção ou escolha, todavia, podemos dizer que o indivíduo pode adotar ou não uma identidade gay (KURASHIGE, 2010). O ato de se assumir, então, é íntimo de cada um. A (re)elaboração da identidade homossexual não tem regras a serem seguidas, visto que a aceitação da homossexualidade é individual, reafirmando que a pessoa pode ou não adotar esta identidade, mas que a sua orientação sexual não perfaz uma escolha, onde pode muitas vezes ser reconhecida desde muito novo por ela mesma:

[...] Eu me via, eu lembro [...] pequenininho em casa, [...] eu já tinha um olhar para os menininhos na escola que eu não sabia o que que era, uma criança de 7-6 aninhos não sabe [...] (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Assumir-se para si pode ser considerado o ponto de partida que acontece de forma diferente para cada um, então, o indivíduo é acometido pela dúvida de como, quando e para quem contar, pois não é possível saber como as pessoas reagirão e o que poderá acontecer, arriscando perder conexões sociais fundamentais (família e amigos íntimos) (KURASHIGE, 2010). Portanto, cabe ao indivíduo escolher como e quando assumir esta identidade perante a sociedade.

#### **2.4. A universidade**

Por meio da análise dos discursos docentes, na categoria espacial ‘Universidade’, a qual possui 8% do total de evocações, podemos identificar duas categorias discursivas ‘Vivência Acadêmica’ (92%) e ‘Homossexualidade’ (8%). Desta forma, aparentemente, esta categoria se constitui um espaço de tolerância e respeito, porém a mesma teve influência direta na formação acadêmica:

(A homofobia) foi um dos temas que me engajou para fazer o mestrado, por mais que não aborde em específico isso, mas fui estudar mestrado, é um projeto para doutorado também, [...] é uma coisa que você precisa em sala de aula. (Entrevista realizada com o docente Frodo, no dia 28 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Além disso, podemos retirar uma informação importante deste discurso, de que a discussão sobre o fenômeno da homofobia se faz necessária em sala de aula, mas que, como afirmam Santos e Omat (2017), corroborando com Rodrigues e Salles (2011), as discussões sobre, permanecem somente como uma opção própria do docente e, desta forma, acabam não sendo muito trabalhadas nos cursos de formação inicial:

Não (trabalhamos este tema), não que eu lembre... é... teve uma professora que ela deu algumas aulas sobre isso, provavelmente você conhece qual é a professora, mas foi só ela assim que tocou no assunto, mas é que ela trabalha com isso, então pra ela é comum falar

sobre isso. (Entrevista realizada com o docente Peregrin, no dia 18 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Reforçamos que as temáticas relacionadas às sexualidades, principalmente às homossexualidades, configuram-se um tabu (COELHO, 2014), e que em maior parte pessoas LGBTQ+ tendem a se interessar nestes temas. Santos e Ornat (2017) afirmam que, quando os temas são discutidos em sala de aula, o enfoque tende a ser voltado à conceitos básicos e aspectos morfoanatômicos do corpo humano, além de questões relacionadas à métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (IST), sendo deixado de lado as relações sociais voltadas a constituição das sexualidades.

Porém, em alguns casos, quando é colocado em pauta a temática, pode haver uma resistência dos alunos da graduação:

a gente tinha uma matéria que era temas transversais, toda sexta feira tinha essa matéria, e a gente tinha que trabalhar a questão dos indígenas, dos negros, dos homossexuais, do... do... trans que tava... transgênero, mas tava muito começando ali em 2010, 2011, tava se falando ainda no assunto né, e eu via uma resistência por conta da minha turma assim [...], não só contra os gays, mas qualquer tema “não, eu vou me formar para dar aula de português, [...] eu achava isso um absurdo e são pessoas que estão em sala de aula hoje em dia... professores, né que levam seu preconceito a sua maneira enraizado de ser e vão formar alunos assim com o pensamento que eles têm. (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Desta forma, o discurso acima ressalta a importância de se trabalhar estes assuntos na graduação, pois, caso não seja, os profissionais que estão no processo de formação inicial podem contribuir para a formação de alunos preconceituosos em sua prática docente, auxiliando na produção e reprodução da homofobia. Como bem lembra Santos e Ornat (2017), a universidade acaba não combatendo a mesma, tratando estes temas como secundários contribuindo para o despreparo quando as discussões acerca das sexualidades vêm à tona. Portanto, a categoria espacial ‘Universidade’ possui ligação direta com as reflexões que constituem a categoria espacial ‘Escola’ (71%).

## 2.5. A escola

Por fim, a categoria espacial 'Escola', a qual possui 70% do total das evocações. Assim, esta categoria é de suma importância para nossa reflexão, visto que é na escola que as vivências profissionais de docentes homossexuais são impactadas pela homofobia. Portanto, é importante ressaltar que a vivência nas outras espacialidades está diretamente relacionada à vivência escolar/profissional destes docentes, onde uma impacta as outras reciprocamente. Foram estabelecidas 6 (seis) categorias discursivas na referida categoria espacial, a saber: Homofobia (39%), Vivência escolar (33%), Vivência Profissional (16%), Homossexualidade (9%), Transfobia (2%) e Relações Familiares (1%).

É possível perceber que existem categorias discursivas que pertencem a mais de uma categoria espacial, demonstrando que existe uma relação entre os espaços vivenciados pelos docentes homossexuais, evidenciado pela categoria ‘Relações Familiares’, ‘Homofobia’ e ‘Homossexualidade’.

Existe com certeza absoluta, até porque eu fiz um trabalho em relação a isso, e a gente identificou que, o preconceito, ele faz parte do espaço escolar [...] Aqui é muito relativo, aqui eu posso dizer assim, que o ambiente, o espaço escolar e as pessoas que compõem o espaço escolar, elas estão... é... existe preconceito, então vai ter preconceito dos alunos entre os alunos, dos professores entre os professores, dos professores entre os alunos e dos professores entre os alunos, ainda vou ter equipe pedagógica mal preparada... né... com preconceito, direção com preconceito e vice-versa. Então assim, eu não posso dizer que só [...] alunos são preconceituosos, só professores são preconceituosos... não, você... depende muito das conjunturas que existe das relações [...], o que posso te dizer é que existe o preconceito e ele tá intrínseco nas relações que compõem o espaço escolar. (Entrevista realizada com o docente Bilbo, no dia 25 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

A partir dessa evocação, vemos que a homofobia/preconceito está intrínseca nas relações escolares, onde este vem de todas as instâncias, seja da coordenação, direção, colegas de trabalho e alunos, reafirmando a institucionalidade proposta por Borrillo (2010). Além disso, há também a possibilidade desta discriminação partir dos pais dos discentes como declarado a seguir:

sim já presencie um fato, não comigo, mas com um colega que é também homossexual, ele é professor de música e os pais falaram para outros pais, que são meus conhecidos, que tiraram os filhos da aula de dança e de música, porque descobriram que o professor era homossexual, simplesmente por causa disso. (Entrevista realizada com o docente Bilbo, no dia 25 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Desta forma, o preconceito se torna enraizado e é reproduzido de forma velada, visto que, apesar de estes pais terem retirados os filhos das aulas de dança e música, não foi dito diretamente para o docente, sendo que este fato só foi contado para outros pais. Assim, podemos identificar que a homofobia, no espaço escolar e, por consequente, nas demais espacialidades, está presente, mas de forma velada, estando nas entrelinhas dos discursos expressada em formas de piadas, brincadeiras, nas práticas etc., sendo que faz necessário entender que este preconceito não é somente explícito com violências físicas e verbais (ERBISTI, 2011). Por meio das evocações, podemos evidenciar quais pessoas são homofóbicas na escola, como exemplificado nas seguintes falas:

Acho que não... ah uma brincadeirinha de preconceito talvez, mas é coisa assim que você não pode dar muita bola, levar muito a sério né, é... lembrei aqui uma vez, eu tinha uma aluna que ela era muito, péssima aluna [...], aí eu morava perto da escola, aí eu saía, as vezes eu saía mais cedo, aí tava ela ali, com uns amigos dela e tal nas esquinas, aí quando eu passava, ela mandava os pia fica... né os amigos dela fica, tipo, falando alguma gracinha ou fazendo alguma coisa em relação a minha sexualidade né [...]. (Entrevista realizada com o docente Meriadoc, no dia 12 de julho de 2019, em Ponta Grossa, Paraná).

Descarado creio que não, mas velado, nesse valado meio... a gente sempre sente, sempre sente... com o corpo docente, por trabalhar numa cidade pequena, entendeu? Então assim, sempre você vive assim essas situações, ou é um tema que você fala, uma maneira que você veste ou alguma coisa assim, tem esses estereótipos, esses rótulos que a pessoa sempre tem forma de... dos professores e professoras homossexuais sempre tem, sempre tem. Então estereotipo você carrega, sempre tem, infelizmente tem, por mais que você queira mudar, romper essas barreiras, sempre tem, ou às vezes é um professor que é machista que defende um ponto de vista, alguns comentários que você chega na sala dos professores e param de falar porque você chegou, ou quando você expõe suas ideias, então sempre tem. (Entrevista realizada com o docente Frodo, no dia 28 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Este preconceito praticado de forma velada é identificado pelos docentes, ressaltando que o mesmo está presente, sendo praticado não somente por membros da coordenação e professores, mas também praticado por alunos, ressaltando a institucionalidade, visto que está presente em todas as esferas que compõe a escola, corroborando com Santos e Ornat (2017), de que não é possível identificar onde começa e onde termina este preconceito, sendo praticado por alunos e demais participantes da comunidade escolar.

Como é destacado no discurso, os estereótipos são evidenciados, sendo ele uma forma de estigmatizar o docente, pois independente do que ele faça, como exemplo, algumas mudanças em seu comportamento, ele sempre será visto como o docente homossexual. Como afirma Ribeiro *et al.* (2009), dentre tantas coisas além do docente ser homossexual, sempre será visto como o professor gay (ou a professora lésbica, no caso de docentes mulheres) e de alguma forma, menos profissional.

Porém, a contraponto, esses profissionais acabam por muitas vezes sendo mais cobrados, como uma forma de compensação do fato deste profissional ser homossexual, reafirmando a fala de Ribeiro *et al.* (2009):

[...] ela (coordenadora) me exige muito, tanto que no trabalho em geral lá, eu percebo da parte dela uma cobrança extrema. O meu caderno de planejamento tem que ser sempre o melhor, eu tenho que levar toda semana, eu não vejo essa cobrança das outras. É como se ela quisesse compensar, tipo 'ah tá vai ser gay beleza, mas vai ter que fazer mais' [...]. (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Assim como evidenciado por Santos e Ornat (2017), os docentes homossexuais tendem a se esforçar mais no desempenho da profissão com a finalidade de se esquivar de possíveis comentários pejorativos, consequentemente, sendo 'mais competentes', havendo uma autocobrança. Como salientado por Prado e Junqueira (2011), a maior competência de profissionais homossexuais, seriam considerados como esforços para que se ocorra uma inclusão em um meio hostil.

Além da homofobia, evidencia-se falas transfóbicas vindas de uma vice-diretora, demonstrando não somente o caráter homofóbico, mas sim um caráter LGBTfóbico e, desta forma, direcionado àqueles que desviam dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade:

tinha uma professora lá, uma professora trans e a vice-diretora só chamava pelo nome masculino, tratava super bem, mas sempre chamava pelo nome masculino... e... é... mas essa era já uma senhora bem de idade, ela já devia ter se aposentado a muitos anos, mas ela não quer se aposentar, mas é a única coisa assim que eu lembro. (Entrevista realizada com o docente Peregrin, no dia 18 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Apesar destes preconceitos e discriminações estarem presentes nas relações escolares, seja como docente ou discente (e vale lembrar que estes docentes também já foram discentes), e serem reconhecidas como causas legítimas de se trabalhar em sala de aula, há empecilhos para se discutir estes temas, entre eles se destaca a falta de apoio da equipe pedagógica e a carência na formação associada à baixa procura dos profissionais acerca da temática, visto que se trata de uma temática pouco discutida na sociedade atual, além de que problematizar as sexualidades tendem a promover conflitos e polêmicas no ambiente escolar (SANTOS e ORNAT, 2017) e, por consequente, maiores questões a serem trabalhadas.

O discurso da coordenação é: “tenham cuidado com o que vocês falam em sala de aula, temas como aborto, temas como sexualidades, homossexualidade” é... “não falem, tentem evitar em sala de aula”, então é complicado, porque... eu me preocupo não como profissional gay, mas como professor, docente, né... que eu penso assim, se o aluno ou aluna, eles não têm essa discussão em casa, eles não têm discussão na escola, aonde eles vão encontrar essas discussões, na internet? Será que a internet será a única fonte que eles vão encontrar... né. [...]

Por um lado, existe mesmo falta de capacitação com temas relacionado a sexualidade, e por outro lado existe uma baixa procura também, porque é um tema que os profissionais da educação não querem estudar... né... seja por preconceitos pessoais, seja por medo da coordenação, seja por medo da direção, seja por medo dos pais. [...] (Entrevista realizada com o docente Bilbo, no dia 25 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

As discussões relacionadas à preconceitos e discriminações ou temas mais polêmicos, apesar de necessários, acabam silenciados e negligenciados, sendo que a constante opressão por parte da coordenação e o medo dos pais não aprovarem tais temáticas, inviabiliza o aprofundamento e a explanação acerca do tema, dificultando a desmistificação de muitas questões, reforçando atitudes de preconceito e de discriminação Prado e Bressan (2016).

[...] na maior parte, das situações que assim digamos que eu vivenciei, no caso foi por falta de conhecimento de um outro professor que aí faz alguns comentários que não é feliz nos comentários, é... mais por falta de conhecimento talvez, que seja... que fala algumas bobagens que não tem muito,,, muita coerência. (Entrevista realizada com o docente Meriadoc, no dia 12 de julho de 2019, em Ponta Grossa, Paraná).

A partir da falta das discussões na escola, aliado à defasada formação profissional e demais vivências em outras espacialidades, a homofobia presente nas suas mais variáveis faces, forma um ciclo onde ela se retroalimenta, passando e estando presente em toda a vivência docente. Apesar de todos os obstáculos, estes docentes homossexuais se preocupam com a formação dos discentes, e que os mesmos (os alunos) são os motivos para exercer sua profissão.

eu trabalhei com crianças bem pequenas e depois fui pro público mais adolescente, e voltei pra criança, acho que não... seria muito frouxo da minha parte, desistir de uma coisa que eu gosto de fazer por conta de né, de um olharzinho ou outro que às vezes acontece e tal, mas é... eu não sei assim, não dá nem 1% do total de 100, eu ter percebido alguma coisa, sabe, então acho que não... por conta dos alunos né, por conta dos professores, talvez eu tivesse desistido. (Entrevista realizada com o docente Samwise, no dia 27 de setembro de 2018, em Ponta Grossa, Paraná).

Assim, podemos identificar que obstáculos estão presentes na vivência destes profissionais. A mais evidente é a censura em relação à sexualidade destes docentes, visto que os mesmos são repreendidos para que não falem sobre sua orientação sexual, forçando-os a ocultar a mesma. Desta forma, os atos destes sempre são comedidos, mantendo uma sensação constante de medo de expressar esta sexualidade, visto que

os mesmos podem acabar sendo demitidos caso venham a revelar esta ou mesmo discutir a diversidade em sala de aula.

Além disso, estes profissionais recebem um tratamento mais rígido, uma vez que estes são mais exigidos no ato de exercer sua profissão, onde devem entregar um trabalho mais completo, como de alguma forma, estes fossem menos profissionais somente pelo fato de serem homossexuais, tendo que reafirmar que são dignos de exercer a profissão. Ainda, identificamos que estes profissionais também têm dificuldades para se relacionar com os outros docente. Assim, o docente homossexual acaba por manter relações conflituosas na sua vivência profissional, uma vez que deve estar sempre preparado para algum embate, seja ele vindo da coordenação, professores ou mesmo direção, portanto, existindo uma resistência por parte dos colegas de trabalho. Neste ponto, um leque de possibilidade para futuras pesquisas é aberto, uma vez que estes conflitos estão repletos de relações de poder entre os pares. Mesmo com um número reduzido de entrevistas, principalmente por conta da dificuldade de acessar demais docentes homossexuais que estejam adeptos a participar de pesquisas, é necessário realizar outros estudos que analisem tais relações. Somente a partir da compreensão do fenômeno da homofobia e do reconhecimento de sua existência, que podemos efetivamente iniciar um trabalho de combate à sua manifestação.

### 3. Considerações finais

Este artigo teve por objetivo compreender como a homofobia impacta na vivência profissional de docentes homossexuais da educação básica no município de Ponta Grossa, Paraná. Com a análise dos discursos evidenciamos que a homofobia está presente em múltiplas instâncias sociais, sendo mais evidente na escola, local onde há um confronto/encontro de pessoas diferentes, seja nas suas concepções e ideias, ou até mesmo em suas experiências de vida.

Desta forma, o papel do professor que seria de tentar facilitar a vivência em sociedade, visto que esta diferença está em todos os lugares, acaba se tornando secundário e de pouca importância, onde a base para estas discussões, que seria na graduação, é defasada e pouco aprofundada.

Assim, o sistema de produção e reprodução de preconceitos e discriminações se efetiva, dificultando o acesso dos alunos da educação básica à esclarecimentos e informações, base do respeito a diversidade, o qual acaba impactando na vida dos professores homossexuais, na medida em que boa parte das discriminações sofridas são oriundas de pré-conceitos, conceitos que são enraizados e providos da falta de conhecimento sobre determinado assunto.

Neste contexto, podemos identificar alguns obstáculos na vivência profissional destes docentes, os quais se sentem acuados, censurados e forçados a ocultar sua sexualidade, não tendo apoio de colegas de trabalho, sejam estes coordenadores (as), direção ou demais docentes. Além disso, são mais cobrados por seus superiores, que veem a orientação sexual destes docentes como uma desqualificação profissional, conseqüentemente, sendo necessário os manter sob controle, por se entender que são menos profissionais.

Há também o fato destes sofrerem preconceitos oriundos de todas as camadas que compõem a escola, o que acabam abalando a saúde mental destes profissionais, se configurando em uma possibilidade para avançar na discussão aqui realizada.

Porém, apesar de todas as discriminações e hostilidades sofridas durante a carreira docente, nenhum destes profissionais cogitou desistir da profissão, afirmando que não pensariam em nenhuma outra. Portanto, ressalta-se a importância de discussões sobre as temáticas das minorias, incluindo a LGBTQ+, na formação acadêmica de licenciandos (as), e assim, reduzir a defasagem existente acerca destes assuntos e, por conseguinte, tentar reduzir os preconceitos destes profissionais. Além disso, se faz necessária a inclusão destes temas na educação básica, auxiliando na quebra de paradigmas da cisheteronormatividade, e de tal forma, melhorar a vivência social não somente de docentes homossexuais, mas sim, de toda a comunidade escolar e, conseqüentemente, de toda sociedade.

### Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. (Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- COELHO, L. J. **Diversidade sexual e Ensino de Ciências**: buscando sentidos, Bauru – SP, 2014.
- ERBISTI, M. S. **Homofobia**: a sexualidade na escola, preconceito explícito ou velado?. 2011. Monografia. (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar), UaB/UnB, Brasília.
- ESPERANÇA, A. C.; SILVA, I. R.; NEVES, A. L. M.; Significados e sentidos sobre homossexualidade entre docentes: uma análise sócio histórica. **Temas em Psicologia**. v.23, n.3, 739-749, 2015.
- FURLANI, J. Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogia queer: o que essas abordagens têm a dizer à educação sexual?. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Unesco, 2009. p. 293-324.
- JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Unesco, 2009. p. 13-51.
- KURASHIGE, K. D.; REIS, A. F. O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. **Interfaces da Educação**. v.1, n.3, 93-102, 2010.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: vozes, 2013.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85 - 93.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MENEZES, M. S.; SILVA, J. P. Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador. **Revista Katálysis**. v.20, n. 1, 122-129, abr. 2017.
- MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1999.
- PRADO, A. L.; BRESSAN, R. A. O estigma da mente: transformando o medo em conhecimento. **Revista Psicopedagogia**. v.33, n.100, p. 103-109, 2016.
- PRADO, M. A. M.; JUNQUEIRA, R. D. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 51-72.
- RIBEIRO, P. R. C.; SOARES, G. F.; FERNANDES, F. B. M. A ambientalização de professores e professoras homossexuais no espaço escolar. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Unesco. Brasília, 2009. p. 13-51.
- RODRIGUES, A. R. F.; SALLES, G. D. Educação Sexual, Gênero e Diversidade Sexual: formação de professoras e alunas multiplicadoras como metodologia de ensino. In: II Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2011, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. p.1-13.
- SANTOS, A. E. C.; ORNAT, M. J. **Pelo Espelho de Alice: homofobia, espaço escolar e prática discursiva docente**. Curitiba: Appris, 2017.

SEPULVEDA, D. A religião e a homofobia no cotidiano escolar. **Revista nustrAmérica**. v.4, n.8, 120-36, 2016.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, C. L. Z.; HEIDRICH, Á. L.; PINÓS DA COSTA, B. (Orgs). **Plurilocalidade dos sujeitos**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, p. 56-75, 2016.

SIQUEIRA, M. V. S. et al. Homofobia e Violência Moral no Trabalho no Distrito Federal. **O&s, Salvador**. v.16, n.50, 447-461, 2009.

VILLEGAS-SIMÓN, I.; ANGUO-BRUNET, A.; LIU, K. Homofobia y recepción de personajes lésbicos en narrativas audiovisuales. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”**. v.11, n.1, 90-109, 2016.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).